

ARTE E EDUCAÇÃO PELO SENSÍVEL: CONTRIBUIÇÃO PARA A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA.

Christiane Araújo¹

Daynara Loubet²

UEMS: Universidade estadual de Mato Grosso do Sul

chris.araujo@yahoo.com.br / daynara_loubet@hotmail.com

Eixo temático: Aromas na relação entre instituição educativa, família e comunidade.

Comunicação Oral

Resumo

Este estudo propõe uma análise sobre a realidade da família diante do contexto escolar atual e sobre a contribuição da arte para ações educativas baseadas na educação do sensível. Para tanto, aborda experiências vividas em duas escolas de educação infantil, sendo uma particular e outra, municipal, e recolhe alguns depoimentos de práticas de professores a partir de situações cotidianas com as crianças. São traçadas discussões que mostram possibilidades para a construção de uma comunicação mais sólida e amigável entre família e escola. Olhar para as crianças e perceber a responsabilidade que educadores possuem na sua construção psíquica e cognitiva é de suma importância. Para isso, relatamos alguns caminhos percorridos pelas propostas de arte na educação infantil, citando as iniciativas do poder público e privado que atuam nessa perspectiva. Entendemos, neste estudo, que o entrelaçar de família, escola e arte deve ser uma responsabilidade do sistema educacional como um todo na contemporaneidade. Isso porque a arte, por meio da educação do sensível, encontra-se em um espaço de construção da capacidade reflexiva, que pode ser desenvolvida por meio de um ensino crítico e transformador, que trace relações multifacetadas entre escola, arte e sociedade contemporânea. Como base teórica, utilizaremos os estudos em arte-educação defendidos por Duarte Junior (1994), Iavelberg(2003), Strazzacappa (2013) e Ostetto (2004). Além disso, propõe reflexões sobre educação infantil, defendidas por Getlinger (2006), Santos e Fratari (2011), Maddalozzo e Amorim (2008); e, para entendermos o novo contexto em que se encontra a sociedade, utilizamos autores que falam da contemporaneidade, como Bauman (2001) e Guimarães (2012).

¹ UEMS: professora na Graduação de Artes Cênicas e Dança; UFGD: professora na Graduação de Artes Cênicas; UCDB: mestrandia em Educação; pesquisadora participante dos Grupos de Estudos GEBEM e APE IPE.

² UEMS: acadêmica 3º ano da Licenciatura em Artes Cênicas e Dança. Estagiária em Arte em escola particular. Bolsista PIBID.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo investigar a relação entre família e escola dentro da educação infantil. Observaremos a contribuição das instituições no desenvolvimento da criança, baseando-nos na educação do sensível por meio da arte, para que se estreitem essas possíveis fronteiras.

Para tal discussão, compreendemos a relação entre família e escola no desenvolvimento humano, refletindo sobre o diálogo entre ambas as instituições e pensando a importância que possuem. Devem, assim, família e escola, considerar o seu lugar e o lugar do outro. Escola e família devem se complementar, trabalhar em parceria, para que o desenvolvimento da criança ocorra com mais qualidade. Segundo nos mostra Guimarães (2012):

De modo geral, quando a instituição aborda o outro/família, refere-se ao lugar da falta (de tempo, de atenção, de escuta, de lugar para a criança). Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que quando a família se refere à instituição, é comum colocá-la no lugar da prestadora de serviço (também em falta), de atenção (individualizada), de cuidados básicos. (GUIMARÃES, 2012. p.91)

Nesse sentido, analisamos duas escolas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sendo uma particular, em região nobre da cidade, e uma pública, municipal, localizada na área central. A estrutura da escola particular oferece atendimento para crianças de quatro meses a cinco anos de idade, enquanto a escola municipal atende a crianças com quatro e cinco anos.

Durante nossa experiência com o estágio trabalhamos auxiliando ambas as professoras, observou-se que crianças podem ter atitudes que a família desconheça mas que as professoras podem identificar e repassar à família.

Na escola pública, constatamos que, nem sempre, o retorno por parte dos pais acontece. Na rotina escolar das crianças, há o caderno de recados, que é utilizado para comunicação entre escola e família. É notável que, algumas vezes, o mesmo não é enviado para a escola, ou não tem o visto dos pais nos comunicados anteriores. Segundo Getlinger (2006), é importante verificar como o desenvolvimento da criança está atrelado ao desenvolvimento psicológico da mesma. Quando se fala em sensação, percepção e satisfação de necessidades, imediatamente falamos em confiança, em desenvolvimento psíquico. Para que isso aconteça de forma contínua, a família não deve ser presente apenas nas festas comemorativas da escola, e, sim, participando

efetivamente da rotina escolar da criança, percebemos assim que a falta de assinatura em alguns cadernos gera também uma falta de participação efetiva de alguns pais.

Um recurso utilizado na escola particular observada é o uso de agendas com itens minuciosos, como alimentação, sono, trocas de fraldas, recreação, comportamento, entre outros. Essa característica possibilita aos pais acompanhar a rotina das crianças. Tal situação também ocorreria se na escola pública houvesse mais de uma profissional em sala, potencializando a atenção prestada às crianças, como acontece na escola particular.

Atividades planejadas com a família durante o período letivo, como receber os pais em sala na hora da saída ou entrada; reuniões periódicas; conversas formais e informais entre os pais e professores, para que possam se inteirar a respeito da rotina da criança são atitudes que podem aproximar família e escola, contribuindo, assim, para o desenvolvimento cognitivo e psíquico da criança. Guimarães (2012) nos diz, em contribuição a essa questão: “Para ambas, família e instituição de Educação Infantil, o compartilhamento da educação das crianças pequenas marca-se por diversas ações cotidianas onde há escuta, troca, valorização da experiência do outro.”

Assim, família e escola devem trabalhar em conjunto, reconhecendo a importância do outro, como explicam Polínia & Dessen (2007):

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. [...] Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas, já que o ambiente escolar além de ser educativo é também social e formador de ideias, ideais e de valores. (POLÍNIA & DESSEN, 2007. p.22)

Observando as escolas com as quais trabalhamos, fica-nos mais evidente a importância da relação entre escola e família. A escola deve reconhecer a importância da família no desenvolvimento infantil, auxiliar os pais a compreenderem e exercerem seu papel na educação e trabalhar sempre a favor da evolução e transformação da sociedade.

Para o professor perceber as mudanças na criança, é necessário ter maior cuidado e atenção. Todas as atitudes em sala devem ser observadas. Não só a fala, mas as atitudes corporais também comunicam, como descreve Ostetto (2004, p. 124): “Corpo: texto a ser lido. Nele, estão inscrições, marcas, memórias: de regras,

comportamentos, leis, imposições. No corpo, muitas histórias: de incorporações, redefinições, transmutações de um tempo e de um espaço.” Dessa forma os professores devem estar atentos às atitudes das crianças, adquirindo um olhar sensível no contexto do processo educativo.

A arte corporal, nesse contexto, pode contribuir para esse desenvolvimento, já que, com ela, é possível expressar os sentimentos, as emoções e as sensações, como diz Santos & Fratari (2011):

Uma das principais atribuições da arte na educação infantil, é que ela possibilita que a criança amplie seu conhecimento, suas habilidades e a descoberta de suas potencialidades. Através da arte a criança expressa seus sentimentos, medos e frustrações. (SANTOS & FRATARI, 2011, p. 2)

Além de trabalhar a expressão, a arte coloca a criança em contato com suas próprias sensibilidades e faz com que ela aprenda a lidar com cores e formas. O teatro e a dança colocam a criança em contato com o seu corpo e o corpo do outro, trabalhando, assim, o cuidado consigo e com o colega, ampliando a sua relação com o mundo de forma espontânea.

Duarte Junior (1994) apresenta-nos a ideia de *educação do sensível*, para que nossas crianças possam obter um aprendizado verdadeiro. O autor diz-nos que a educação que pretende apenas transmitir significados não produz aprendizagem. Aprender não é decorar. Diferente dos animais irracionais, nós, humanos, possuímos a fala e a utilizamos como consciência reflexiva e buscamos sempre exprimir o nosso sentir. A linguagem, porém, não é capaz de apresentar integralmente nossos sentimentos; por sua vez, a arte, que está presente em nossas vidas desde os tempos primórdios, auxilia-nos na tentativa de “tirar um instantâneo” do sentir.

A arte, então, não está regida por regras e convenções rígidas, explicitamente formuladas, como a linguagem. Se a arte, de certa forma, simboliza sentimentos, ela o faz de maneira diversa da simbolização linguística: ela simboliza apenas e tão-somente os sentimentos que existem nela própria. (DUARTE JUNIOR, 1994, p. 46.)

Os sentimentos, tanto quanto nosso pensamento lógico, podem ser educados. O contato com a arte propicia-nos uma familiaridade com os símbolos do sentimento. Vemos na escola, no entanto, uma imposição de verdades prontas. A arte pode nos auxiliar na criação livre de um sentido para a vida. O mesmo Duarte Junior ainda diz:

“A finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética.”

Na regência do estágio, observamos que as crianças, durante as atividades de arte propostas, são surpreendidas pela novidade da arte contemporânea. As atividades realizadas, aliás, foram baseadas na educação do sensível proposta por Duarte Junior. Assim, utilizamos, como tema norteador, os sentidos humanos, atividades que aproximassem as crianças dos seus cinco sentidos.

Em uma das atividades foi proposto que as crianças passeassem por bacias que possuíam produtos de texturas diferentes, como terra, gelo, gelatina, plástico, trigo, folhas secas, milho, algodão, água, entre outros. Diversas reações e sensações surgiram a partir dessa experiência. Em sua maioria, os menores apresentaram medo, e, neste caso, estivemos ao lado deles, sentindo que seus corpos estavam tensos e suas mãos segurando com força as nossas. Procuramos conversar e incentivar a criança a entender esse medo e a confiar em que nada iria machucá-las. Em nenhum momento, nós as obrigamos a que fizessem a atividade, pois entendemos que cada um tem seu tempo e que, para a realidade daquelas crianças, essa experiência dificilmente fazia parte da sua rotina. Porém, os maiores gostaram muito da atividade; sorriam ao pisar na terra ou no trigo e gargalhavam quando chegava a vez da gelatina.

Percebemos, nesta proposta, uma responsabilidade e uma relação que as crianças possuem conosco, educadores. Quando se trabalha o sensível do ser humano, é possível que, em apenas quarenta minutos de atividade, as crianças já tenham adquirido uma ligação de carinho entre nós. Assim, constatamos um momento de importante conscientização que nós, educadores, temos na vida dos pequenos. Segundo Iavelberg (2004), em educação infantil, o mais importante é o básico: a criança deve ter espaço para viver a arte na escola, ter a oportunidade de fazer, criar, explorar materiais e poder se expressar. A autora, ainda, afirma-nos que várias propostas colocadas por professores não devem ser apenas prazerosas, mas também trabalhosas, pois, assim, abrem espaços para reflexões que implicam aprendizagens importantes para a vida.

A nossa escolha pela arte contemporânea reside no fato de esta nos proporcionar a possibilidade do fruir,ela nos convida, enquanto movimento, a um olhar mais participativo, que não corresponde apenas ao caráter observativo. Para tanto, as atividades baseadas na arte contemporânea buscam proporcionar a experimentação, raiz da vivência, buscando-se a educação do sensível. Vivenciar prepara as crianças para serem melhores espectadores, como explicam Maddalozzo & Amorim (2008):

A apreciação da arte contemporânea pressupõe uma ampla abertura de espírito, que comporte visões e situações inusitadas, perturbadoras, incompreensíveis. Não nos é mais oferecido um deleite ilusionista, agradável e passivo, mas uma interpelação entre nós e a obra, entre nós e o artista, entre nós e nosso mundo, entre nós e nós mesmos. Na arte contemporânea a contemplação passiva cede espaço a uma experiência estética ativa do espectador. (MADDALOZZO; AMORIM, 2008. p. 4)

O contexto da família da contemporaneidade também contribuiu para a nossa escolha de atuar com a arte contemporânea, já que essas famílias compõem-se de uma estrutura diferente das vistas em décadas anteriores.

Para analisarmos e fundamentarmos essa questão, buscamos pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que nos esclarece essa fluidez, instabilidade, liquidez nas discussões e, conseqüentemente, nos deparamos com as famílias e as escolas. O autor caracteriza o período de modernidade na história da humanidade em dois estágios: “modernidade sólida” e “modernidade líquida”. Em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), apresenta-nos que o primeiro estágio corresponde a um período da humanidade em que a durabilidade foi extremamente valorizada: a solidez era assegurada pela reprodução da ordem social, “[...]as possessões eram duráveis, para sempre, [...] as estruturas pareciam duráveis e eram fortemente dirigidas e vigiadas” (BAUMAN, 2001).

Nesse paradigma, o mundo e suas regras pareciam duráveis; tudo o que se aprendia servia para sempre e a aprendizagem realizada pela educação institucionalizada asseguraria o sucesso. Podemos assim dizer que as famílias não sofriam tantas alterações em suas estruturas, e, conseqüentemente, a escola sabia como lidar com essas questões.

Em relatos feitos pelas professoras da escola particular, percebemos uma preocupação da instituição com a participação familiar. Tudo o que acontece com a criança durante a permanência na escola é relatado aos pais, desde um tombo ou empurrão durante uma brincadeira até atitudes mais sérias como indisciplina durante atividades ou atritos com os colegas. Dessa forma, a família pode auxiliar a escola no desenvolvimento escolar da criança.

Entendendo neste estudo a aproximação entre arte, família e escola na contemporaneidade, buscamos vários autores que relataram no site institucional do Itaú Cultural, importante órgão de incentivo as pesquisas científicas e artísticas do país, como definem a arte contemporânea.

“Como a Esfinge, que aqui lhe serve de metáfora, a arte contemporânea nasceu, sobretudo, questionadora, amante da polêmica. Não lhe interessava os velhos moldes, o cânone, o sentido tradicional da beleza.” (Por Micheliny Verunchk)

“Não dá para resumir a arte contemporânea numa só característica, pois a pluralidade domina nosso tempo.” (Por Ana Mae Barbosa)

“Arte Contemporânea é toda expressão artística que revela, em traços ou por inteiro, a atualidade da vida social –local ou mundial.” (Por Dalva Soares Bolognini)

“Preciso ser mesmo do meu tempo, mas que tempo são esses afinal?” (Por Marcio Harum)

Bauman (2001) esclarece-nos que, no segundo estágio, que considera os tempos de agora –“modernidade líquida”–, o mundo, contrariamente ao estágio anterior, é caracterizado pela mudança constante, pela fluidez das estruturas, determinando “flexibilidade estrutural, organizacional e relacional”. Passou-se da imutabilidade e monotonia das rotinas para o mercado aberto, em que tudo pode acontecer a qualquer momento e, por isso, a palavra de ordem é a “imprevisibilidade”. Os hábitos arraigados, as estruturas cognitivas sólidas, os valores estáveis, prevalecentes antes, passam a ser desvantagens hoje. Diante disso, podemos entender que, com as mudanças que caracterizam a modernidade “líquida”, os desafios educacionais são graves e complexos, sobretudo para a formação profissional: deslocam-se da durabilidade para a fluidez; da permanência para a fugacidade; da rigidez para a flexibilidade; da estabilidade para a instabilidade; da memorização para a compreensão analítica e crítica; da realidade dada como conhecida e certa para o desconhecido e o imprevisível.

A professora da escola municipal relata-nos que, em uma atividade proposta em sala, na qual as crianças deveriam desenhar sua família, um menino não sabia ao certo o que desenhar, já que seus pais haviam se separado havia pouco tempo e ele, naquele momento, morava com a avó, pois nenhum dos responsáveis queria assumir os cuidados com a criança. Com sensibilidade e atenção, a professora explicou-lhe que família não era somente os pais, mas quem morava e cuidava dele, e que seus pais também não deixaram de ser sua família porque não moravam mais juntos. Percebemos, assim, que encontraremos padrões tradicionais de família, mas que também novas configurações familiares estão se estabelecendo em maior quantidade do que anos anteriores.

Outro exemplo da escola municipal que nos traz essa leitura sobre educação, arte e família é a não confecção das lembranças do dia das mães ou dos pais, o que, por muitas vezes, é solicitado à disciplina de artes. Nessa escola, é colocada à família a compra de um presente, ficando a critério da mesma a aquisição ou não. Observamos, com essa atitude da escola, uma prevenção em não constranger uma ou outra criança que possua realidade familiar diferente dos seus colegas.

Não nos cabe aqui, neste texto, chegar a conclusões e respostas certeiras, mesmo porque, se formos levar em consideração os estudos defendidos por Bauman, essa certeza é o que menos temos na atualidade em que vivemos, mas, sim, apontar reflexões, possibilidades de caminharmos para propostas mais flexíveis, líquidas, e contextualizadas na educação infantil. E, para que nossas crianças tenham vivências estéticas e sensíveis, é necessário que nossos professores sejam sensibilizados, que sejam observadores de seus alunos e auxiliem-nos a experienciar essa arte. Strazzacappa (2013) diz que, cientes do papel de educador, se o professorado não tem em sua formação experiências com a estética do sensível, com as diferentes possibilidades de arte, com o movimento corporal, com seu patrimônio cultural, dificilmente poderá compreender como se processa a construção desse conhecimento em seus estudantes; ou seja, como diz a autora, o educador deve buscar em sua formação experiências e vivências artísticas que sejam fora do que se nomeia “cultura enlatada importada”.

Assim, para a educação do sensível com crianças, e para que atitudes e vivências não passem despercebidos, Santos & Fratari (2011) nos auxiliam a avaliar as atividades artísticas dos professores propostas às crianças:

As produções infantis devem ser valorizadas e não comparadas, porque cada criança estabelece um contato com a arte nas mais variadas formas. Portanto para conseguir que uma sociedade valorize as produções artísticas em geral será necessário termos um novo olhar para com a educação infantil. Aprender apreciar e valorizar as produções infantis. (SANTOS; FRATARI, 2011. p. 8)

Percebemos esse cuidado pela professora da escola municipal, que, em todas as atividades, procura um momento de apreciação dos trabalhos, onde sentados em círculo faz com que as crianças observem suas atividades e avaliem-nas, com o intuito do aprimoramento do seu fazer artístico.

Outra possibilidade de apreciação e demonstração do processo criativo em arte são as apresentações aos pais, situação frequente nas datas comemorativas. Escola e

professores devem se atentar à questão da obrigatoriedade dessas apresentações em palco realizadas pelas crianças. Há realmente a necessidade da apresentação? Como elas podem ser feitas para não prejudicar o desenvolvimento da criança? Tomazzoni (2012) aborda esse tema:

O trabalho de sala de aula parece não valer por si, só ganha valor se for apresentado no palco[...]. O objetivo da aula é o de preparar o corpo da criança para uma experiência de dança ou para uma exposição pública? O que é objetivo e o que é uma possível consequência? Numa sociedade espetacular como a nossa, seja ao vivo ou midiaticamente, os apelos para a visibilidade é constante e intensa. Mas não é porque ela existe que deva ser uma regra, uma obrigação. (TOMAZZONI, 2012)

O processo é tão importante quanto o produto. Assim, estar no palco deve ser uma atividade prazerosa, um momento de grande brincadeira. O lúdico não deve ser deixado de lado com as crianças e pode ser considerado também durante as apresentações, buscando-se, assim, a fruição e a experiência. Se a criança agir contra a atividade de apresentação, deve-se primeiro dialogar para buscar o porquê dessa atitude; por meio do diálogo, ela pode ser convencida a vivenciar algo que lhe será importante.

Concluimos, assim, que escola e família devem complementar-se, trabalhando para o melhor desenvolvimento das crianças, reconhecendo sempre a importância entre uma e outra instituição. Família e professores mais observadores e sensíveis contribuem para esse processo, e, com atitudes simples, é possível modificar a realidade dessa relação. Como vimos, então, arte e a educação do sensível colaboram nesse contexto. Com base nas atividades propostas, pudemos observar a relação criada entre professores e alunos. Devemos pensar na importância da família, não apenas em datas comemorativas, mas dentro da questão de sua participação no contexto escolar. Além disso, também devemos pensar na arte como processo de construção, e não apenas tendo a finalidade de uma apresentação aos pais, que pode acontecer, não como objetivo, mas como consequência de um processo. Dessa forma, podemos auxiliar nossas crianças a ter um melhor desenvolvimento cognitivo em sua infância, aumentando o diálogo entre família e escola, trazendo, assim, uma considerável melhora educacional.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1994.

GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na Educação Infantil: o desafio da alteridade e do dialogo In: VAZ, Alexandre Fernandes; MOMM, Caroline Machado (Org.). **Educação Infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

GETLINGER, Patricia Viana. Do Desenvolvimento do bebê à importância do brincar – contribuições de Donald Winnicott. In: LENGOS, Georgia. **Põe o dedo aqui! Reflexões sobre dança contemporânea para crianças**. São Paulo: Funarte, 2006

HARUN, Marcio; BOLOGNINI, Dalva; BARBOSA, Ana Mae; VERUNCHK, Micheliney. **Entrevista enquete concedida ao Itau Cultural**. Disponível em: <http://novo.itaucultural.org.br/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>. Acessado em: 01/05/2014.

MADDALOZZO, Sheila; AMORIM, Rebeca. **Arte Contemporânea na educação infantil: uma proposta de estágio**. 2008

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Dos gestos na educação infantil: textos do corpo In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão**. Campinas: Papirus, 2004

Revista Avisa lá.org.br. Reflexões do professor: **Viver a arte, ma experiência transformadora**. Vol. 17. Publicação: 09/01/2007. Disponível em: <http://www.avisala.org.br/index.php/assunto/reflexoes-do-professor/viver-a-arte-uma-experiencia-transformadora/>. Acessado em: 01/05/2014.

SANTOS, Adriana Maria dos; FRATARI, Maria Helena Dias. **Artes Visuais na educação infantil**. 2011

STRAZZACAPPA, Márcia Maria. **Era uma vez uma história contada outra vez: educação, memória, imaginação e criação**. Campinas: Librum Editora, 2013.

TOMAZZONI, Airton. **Dança para crianças ou jogo dos sete erros?** <http://idanca.net/danca-para-criancas-ou-o-jogo-dos-sete-erros-por-airton-tomazzoni/> Acessado em: 02/05/2014